

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Longe da pacificação

A saída de Doria da disputa presidencial ainda não representa a pacificação do PSDB. Ao contrário. Aumenta a pressão sobre a cúpula partidária para encontrar um caminho viável a um partido que sempre teve candidato a presidente da República. De quebra, ainda deixa o presidente do partido, Bruno Araújo, com a obrigação de ajudar a manter São Paulo, a joia da coroa — que desde 1995 é comandado pelos tucanos.

Data limite é julho

Embora tenha restado apenas a senadora Simone Tebet (MDB-MS) entre os pré-candidatos da terceira via, o PSDB não fechará agora o apoio a ela. Uma ala do PSDB não se conforma com o fato de o partido não ter um candidato a presidente da República.

Bolsonarista na área

Com a destituição do deputado Marcelo Ramos (PSD-AM) do cargo de primeiro vice-presidente da Câmara, o PL tende a permanecer com o posto. O partido quer alguém ligado ao presidente Jair Bolsonaro a fim de evitar surpresas. A fila está grande, mas existe uma torcida para a indicação do líder do governo, Vitor Hugo (GO).

O recado aos estados

A Câmara se prepara para aprovar, esta semana, o teto do ICMS para combustíveis, energia e transporte público. No Senado, a Casa dos estados, o tema é controverso. Ali, os governadores têm mais peso.

PT pressiona Alckmin

A saída de João Doria da disputa presidencial fará com que o PT cobre mais protagonismo de Geraldo Alckmin (PSB) no sentido de buscar votos para o pré-candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas legendas de centro. Na reunião desta semana, por exemplo, Lula foi muito claro ao dizer que seu partido precisa ampliar o leque, ainda que não seja em alianças formais. E essa tarefa, avaliam os

petistas, estará mais afeita a Alckmin.

A equação, entretanto, não é fácil. Ao sair do PSDB, o ex-governador de São Paulo não levou grandes puxadores de votos do centro. E, até aqui, ele se dirigiu mais à esquerda, deixando o espaço anti-PT que ele ocupava aberto a outros personagens. Nesse sentido, será difícil Alckmin cumprir o que esperam dele.



CURTIDAS

Lá e cá/ Com a terceira via caminhando para Simone Tebet, o líder do PSDB no Senado, Izalci Lucas (DF), ficará numa situação indigesta. Pré-candidato ao Palácio do Buriti, ele se vê, agora, no mesmo palanque que o governador-candidato Ibaneis Rocha (MDB). Izalci foi um dos maiores entusiastas da candidatura de Doria, a quem apoiou nas prévias de novembro.

Por falar em prévia tucana.../

O golpe da cúpula tucana em Doria acabou de vez com a credibilidade de prévias do PSDB. O partido sai menor e com a pecha de escolher seus candidatos por conchavo de gabinete, e não por livre escolha de seus filiados.

Por falar em candidatos.../

O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia, pré-candidato à reeleição, fez questão de ficar bem longe da capital paulista quando Doria anunciou que não iria concorrer à Presidência da República. Estava em Araraquara, junto com o deputado Wanderlei Macris.

AFP/Evaristo Sá



Temer, o imortal/ Nesta quinta-feira, às 17h, o ex-presidente Michel Temer (foto) toma posse na Academia Paulista de Letras. Aliás, o emedebista nunca foi tão homenageado como nos últimos tempos.

ELEIÇÕES

Lula e PT acenam ao PDT

Ex-presidente ainda quer ter o partido de Ciro, que vem desferindo pesados ataques, no leque de apoio à chapa com Alckmin

» VICTOR CORREIA

O pré-candidato do PT Luiz Inácio Lula da Silva deixou claro, ontem, que não desistiu de ter o PDT na aliança que o apoia na disputa à Presidência, apesar dos frequentes ataques de Ciro Gomes — adversário do petista na corrida ao Palácio do Planalto. O recado foi transmitido pela presidente nacional da legenda, Gleisi Hoffmann, após a primeira reunião do conselho político da chapa Lula-Alckmin.

“O presidente Lula fez questão de dizer que é a primeira vez que senta com o conjunto dos partidos que representam esse campo progressista, democrático, da esquerda, da centro-esquerda. Destacou que em nenhuma outra eleição teve esse conjunto de partidos, e lembrou que só falta o PDT aqui para compor esse campo totalmente”, observou Gleisi.

Nos bastidores, o PT considera que Ciro poderia ajudar Lula a derrotar o presidente Jair Bolsonaro (PL) já no primeiro turno caso desistisse da candidatura presidencial, estacionada há meses no terceiro lugar — como mostram as pesquisas de intenção de voto. O pedetista, porém, já afastou a hipótese de desistir.

Apesar de defender o nome de Ciro, o presidente do PDT, Carlos Lupi, já admitiu que “cada estado tem sua peculiaridade” na corrida ao Planalto — dando a entender que há possibilidade de compor com Lula e o PT. Questionada a respeito, Gleisi foi enfática ao salientar que “a gente tem que ter respeito com a candidatura alheia”.

“Até andaram dizendo que o PT estava pressionando o PDT. Não é verdade. Obviamente que nós gostaríamos de ter o PDT nesse campo. Não sei qual vai

ser, se a candidatura do Ciro vai continuar até o fim ou não. Isso é uma decisão que cabe ao PDT tomar”, afirmou.

O aceno ao partido de Ciro vem no momento em que ele tem subido o tom dos ataques a Lula e ao PT. As críticas têm virado munição para o presidente Jair Bolsonaro (PL) e seus apoiadores, nas redes sociais, para tentarem desgastar Lula e Alckmin.

Estrutura

A reunião de ontem definiu a organização da campanha e a participação dos partidos que compõem a coligação. Segundo Gleisi, a ideia é que cada legenda tenha representantes em todas as áreas — desde o plano de governo à comunicação, passando pelas finanças.

A princípio, serão 29 cargos de direção, que serão distribuídos entre os partidos fechados com Lula e Alckmin. A coordenação executiva se dividirá em Plano de Governo, Comunicação, Acompanhamento Eleitoral, Relacionamento Institucional e Mobilização — além da parte de agenda e a assessoria jurídica. “Nada será feito sem conversa, sem a gente pensar junto. Essa fase que estamos começando agora é de organização e estruturação”, explicou Gleisi.

A reunião em São Paulo contou com as lideranças da coligação que apoiam a chapa Lula-Alckmin: PT, PCdoB, PV, PSB, Solidariedade e Rede — apenas o presidente do PSol, Juliano Medeiros, não participou. Também compareceram os ex-governadores Márcio França (PSB) e Wellington Dias (PT), o ex-ministro Luiz Dulci e o líder do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e candidato pelo PSol a deputado federal Guilherme Boulos.

Ricardo Stuckert



Afirmção de Lula vem justamente quando ataques de Ciro ao ex-presidente são replicados por bolsonaristas

Pressão para TSE coibir mentiras

Preveno uma corrida eleitoral marcada por mentiras, a presidente nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), cobrou do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ontem, uma atuação firme sobre os administradores dos aplicativos de mensagens WhatsApp e Telegram. Os petistas enxergam essas duas redes como as principais disseminadoras de desinformações.

“Espero que as instituições, principalmente o TSE, tomem medidas firmes em relação a isso. Queremos conversar com o TSE sobre o Telegram. Vai ter escrivão aqui? Tem um representante? Vai ter regras sobre isso, tal qual o WhatsApp fez, ou vai ser terra de ninguém?”, questionou a deputada.

O Telegram é um dos principais canais de comunicação

dos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) justamente por não ter regras envolvendo o disparo de informações falsas ou de mensagens em massa. Apesar de representantes do aplicativo terem se reunido com o TSE, levantamento realizado recentemente mostra que a rede continua sem coibir postagens com desinformações relacionadas às eleições, à vacina contra a covid-19 e ao uso de máscara.

Segundo Gleisi, o PT pretende liderar uma comitiva de partidos que sofrem ataques das contas bolsonaristas a audiência com o TSE. Ela lembrou que WhatsApp, Twitter e Facebook já têm regras para a divulgação de notícias falsas, mas o Telegram não.

“A gente está com uma equipe jurídica que já começou a operar,

e agora vai conversar com o jurídico dos demais partidos, junto com a comunicação. Essa campanha vai ser muito judicializada por conta das barbaridades que eles (os bolsonaristas) fazem. A gente tem que se preparar bem, se estruturar bem”, anunciou.

A equipe jurídica da campanha da chapa Lula-Alckmin é formada pelo ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão, pelo advogado Cristiano Zenin e pelo deputado federal Paulo Teixeira (PT). Os três, segundo fontes petistas, já vêm atuando com processos contra bolsonaristas sobre possíveis casos de propaganda eleitoral antecipada.

“Temos que estar preparados. E alertar à população que tudo o que vem do Bolsonaro é mentira”, acusou Gleisi. (VC)

Interlocução com mercado

A campanha da chapa Lula-Alckmin está à procura de um interlocutor para conversar com o mercado financeiro e que possa, futuramente, conduzir a política econômica em caso de vitória. Nos bastidores, discute-se a possibilidade de o economista Pêrsio Arida, um dos pais do Plano Real, ser convidado para ocupar a função. O problema é que o nome desgasta as alas petistas radicais.

Arida é um nome aprovado tanto por Lula quanto por Alckmin. A coordenação da campanha já recebeu indicações do mercado de que gostaria de ter um nome palatável e pouco alinhado com o partido nesta interlocução. Um nome que vem correndo por fora na eventualidade de Arida declinar de um eventual convite é o de Walfrido dos Mares Guia. Empresário com trânsito sobretudo em Minas Gerais, foi ministro do Turismo e ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, ambos os cargos ocupados quando Lula era presidente.

Por causa da necessidade de se abrir canais de contato com setores com os quais o PT trava embates, o presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, afirmou, ontem, que a formação da frente ampla em torno de Lula deve ocorrer por meio de uma demonstração no programa de governo. Na avaliação dele, é preciso incluir pontos de interesse que conversem com segmentos distintos. “Pode pegar pontos de unidade de interesse de empresário e trabalho, agronegócio e agricultura familiar. Tem que deixar clara essa abertura para ampliação”, disse.